

revista

Geo 
USP
espaço e tempo

Volume 21 • nº 3 (2017)

ISSN 2179-0892

Editorial

No início deste milênio, pensando sobre a construção da ciência e da geografia em particular, o professor Milton Santos observou que, cada vez que se modificassem as condições de realização da vida sobre a Terra ou a existência do homem, haveria a necessidade de se realinharem as disciplinas científicas para se poder exprimir, nos termos do presente, a parcela de realidade total que lhes cabe explicar. Esse é o desafio permanente da geografia, ciência que estuda as mudanças no planeta ao longo do espaço e do tempo

Num mundo de fortíssimas polarizações políticas e extremismos que denotam verdadeiros conflitos ideológicos e civilizatórios, a ciência geográfica tem o potencial de explorar mudanças, oscilações, variações e contradições das sociedades humanas e seu efeito no meio natural, focalizando como objeto de estudo o espaço, o território, a paisagem e as demais entidades espaciais que permitam compreender essas transformações.

A *Geosp* é uma importante divulgadora de trabalhos científicos e geográficos que acusam tais transformações, seja na perspectiva das contradições, dos problemas ou das soluções alcançadas por meio de reflexão, pesquisa minuciosa e desenvolvimento da técnica. Espera-se que os artigos, os ensaios e as resenhas nos levem à análise crítica, concorrendo não só para mostrar o estado da arte da ciência geográfica, mas também para apontar os paradigmas em questão no mundo atual.

Neste número, são apresentados textos que perpassam esse universo da geografia discutindo temas relativos à percepção, ao ordenamento e a transformação do território e da paisagem, à lógica vigente e ao comportamento hegemônico dos sistemas capitalistas, além de um ensaio e uma resenha que discutem, respectivamente, a mobilidade geográfica e os circuitos construídos na relação entre o território e a área da saúde.

No ensaio sobre mobilidade geográfica e acessibilidade, Ricardo Abid Castillo faz uma reflexão sobre os termos fugindo do senso comum; no caso, a *mobilidade* não se limita apenas à espacial, mas inclui a capacidade de movimentação de bens, mercadorias e informação. Do mesmo modo, mais que um conjunto de meios que dão acesso a determinado espaço, a *acessibilidade* inclui variáveis geográficas que interferem na mobilidade.

Nos artigos de temática territorial, se discutem a violência urbana, a lógica de acumulação de capital segundo a indústria extrativa mineral e o funcionamento do Sistema Único de Saúde (SUS) tomado em sua multidimensionalidade. No artigo “A cidade como espaço de batalha: de Gaza ao Rio de Janeiro”, Márcio José Mendonça discorre sobre as guerrilhas urbanas contemporâneas, em que o tecido urbano torna-se um espaço de sobrevivência onde a cidade é negada aos próprios habitantes. Já o texto “a relação entre a violência homicida no Brasil e a vitimização de jovens negros, pobres e do sexo masculino”, de Fernando Bertani Gomes e Joseli Maria Silva, analisa a violência na periferia de Ponta Grossa-PR sob a premissa de que as periferias pobres compreendem um espaço multiescalar que envolve práticas mediadas pelo poder na hierarquização de seres humanos, na reprodução da violência e na necropolítica. Em seguida, Lisandra Pereira Lamoso verifica o processo de acumulação de capital nos espaços utilizados pela indústria extrativa mineral; “Os territórios da mineração sob a lógica da acumulação financeira no capitalismo contemporâneo”, mostrando que o setor mineral se distancia cada vez mais do planejamento e do desenvolvimento econômico, a princípio responsabilidade do poder público local, regional e federal. E o texto “Sistema Único de Saúde (SUS) como um macrossistema: território, técnica e política”, de Luís Henrique Leandro Ribeiro, analisa a centralização das ações e políticas do SUS como macrossistema do poder público, atuando em diversas instâncias da vida cotidiana, social, econômica, cultural e política na integração hegemônica do território.

Ainda em relação aos sistemas e a seus aspectos hegemônicos, figuram também artigos voltados a compreender a natureza e o funcionamento do capitalismo. Em “A natureza das crises nos sistemas socioeconômicos capitalistas”, Carlos Gonçalves reflete sobre a relação entre crise, capitalismo e neoliberalismo de acordo com os paradigmas vigentes e a complexidade dos sistemas socioeconômicos, buscando as contradições existentes nos colapsos frequentes e regulares de caráter econômico-financeiro. Em seguida, Elisa Pinheiro de Freitas e Margarida Maria Queirós tomam o circuito produtivo dos agrocombustíveis no Brasil como recorte de estudo, mostrando as dinâmicas ligadas ao processo de modernização e internacionalização das empresas transnacionais que produ-

revista

Geo 
USP
espaço e tempo

Volume 21 • nº 3 (2017)

ISSN 2179-0892

zem etanol pela cana-de-açúcar e pelo milho. Analisando “A inserção do Brasil no sistema-Terra, na totalidade-mundo e na economia mundial, segundo a geografia regional: de Vidal de la Blache a Pierre Monbeig (1911-1957)”, Larissa Alves de Lira usa a obra de geógrafos pioneiros para conceber a aproximação naturalista do capitalismo segundo métodos da geografia regional francesa. E, em “Rosa Luxemburg e a expansão iminente do capitalismo: destruição, resistência e recriação dos territórios e das relações não capitalistas”, Gustavo Francisco Teixeira Prieto procura compreender a recriação de relações de produção não capitalistas a partir das reflexões da escritora sobre o campesinato e o chamado comunismo primitivo.

Os textos que discutem transformações da paisagem também percorrem diferentes rumos neste número. Primeiramente, Leandro Marcos Herreiro Braido e José Tadeu Garcia Tommaselli analisam a variação de elementos naturais em dois transectos traçados no Pontal do Paranapanema-SP e entre os estados de São Paulo e do Paraná, a fim de verificar as condições naturais necessárias ao cultivo da cana-de-açúcar (“Elaboração de transectos entre Ourinhos-SP/Presidente Prudente-SP e Itapetininga-SP/Irati-PR para análise da produção e expansão da cana-de-açúcar”). Já no texto “Gentrificação, preservação patrimonial e turismo: os novos sentidos da paisagem urbana na renovação das cidades”, Maria Tereza Duarte Paes verifica o processo de gentrificação articulado às estratégias políticas e econômicas de renovação urbana, cujo viés é estreitamente ligado à refuncionalização turística e à ascensão econômica das cidades. Numa análise da estimativa de gases estufa emitidos na atmosfera por ações antrópicas, Giovano Candiani e Ednilson Viana verificam as emissões de metano de um aterro sanitário em Caieiras-SP em oposição à eficiência de captação planejada, e, analisando a atmosfera para verificar o comportamento da precipitação, o texto de Maytê Duarte Leal Coutinho e Meiry Sayuri Sakamoto, “Análise sinótica da intensa precipitação observada no litoral do Ceará em 7 de abril de 2016”, faz um estudo sinótico das chuvas intensas que aconteceram na cidade de São Gonçalo do Amarante-CE nesse dia e que causaram alagamentos e transtornos à população.

Finalmente, a resenha de Villy Cruz do livro *Território e saúde: circuitos da economia urbana dos equipamentos médicos no estado de São Paulo*”, de Virna Carvalho David, comenta a dinâmica do

revista

Geo 
USP
espaço e tempo

Volume 21 • nº 3 (2017)

ISSN 2179-0892

território trabalhada na obra pelo estudo do uso de equipamentos médico-hospitalares em Campinas, Ribeirão Preto e São José do Rio Preto, contrapondo-o ao papel de agentes pouco capitalizados que se relacionam com os serviços de saúde no país.

Assim, os leitores deste número da Geosp têm diferentes matizes de temas e abordagens geográficas que certamente concorrerão para o avanço do conhecimento e das discussões necessárias. Desejamos a todos ótima leitura.

Fernando N. J. Villela

editor de seção

Geosp – Espaço e Tempo

revista

Geo 

USP

espaço e tempo

Volume 21 • nº 3 (2017)

ISSN 2179-0892